



AMÉRICA DO SUL – ASPECTOS FISIOPOLÍTICOS EM CONFRONTO

Therezinha de Castro

Envolve a América Latina, contrastando com a América Anglo-Saxônica, cortada pelo equador e trópico de Capricórnio, a posição geográfica da América do Sul lhe confere a categoria de continente do hemisfério sul.

Com a forma grosseira de um triângulo, a parte mais larga do continente se concentra na zona equatorial terrestre; estreita-se ao atingir a zona temperada, afunilando-se ao atingir o vértice meridional.

Em face deste posicionamento, se encontram nos dois extremos do continente as áreas pouco favoráveis ao estabelecimento humano:

- o norte quente e chuvoso;
- o sul frio e estéril.

Esse contraste se equilibra no restante do continente concentrado, grosso modo, dentro das baixas latitudes.

Para evitar as zonas repulsivas de clima quente ou desértico, as populações, notadamente no lado do Pacífico, deram preferência às zonas andinas; muito embora a atração exercida pelo Atlântico tenha dado ao continente as maiores densidades populacionais nesse litoral. Tal fato vai gerar a oposição entre as duas vertentes:

- a do Pacífico, "mar solitário", de navegação extensiva, com feixes de circulação regional;
- a do Atlântico, de navegação intensiva, com feixes de circulação intercontinental.

Em decorrência, será na área atlântica o ponto em que se há de refletir o complexo jogo de influências dos blocos Ocidental e Oriental, onde a OTAN possui o seu flanco desguarnecido, a despeito da vigência do TIAR (Tratado

Interamericano de Assistência Recíproca).

Curiosamente, no passado, ao reparar os litorais da América do Sul, o Tratado de Tordeilhas seccionou geopoliticamente as duas grandes vias de penetração continental:

- entregando a foz do Prata aos espanhóis, proporcionou-lhes maiores oportunidades de expansão pelos Pampas e Chaco;

- concedendo a embocadura do Amazonas aos portugueses, coincidentemente o seu setor sul, o melhor braço para a navegação, permitiu que os lusos se apossassem da maior parte daquela planície setentrional.

Facilitada a penetração espanhola ao sul e a portuguesa ao norte, o continente sul-americano foi induzido, embora indiretamente, a uma bipartição aproximada; com as conquistas ficava a parte portuguesa com aproximadamente 8.500.000 km² e a espanhola com 9.300.000 km². Caberia ao fator fisipolítico andino impôr o cantonalismo à América Espanhola, gerando-lhe vários núcleos geohistóricos, dividindo-a posteriormente em várias repúblicas. Em confronto, o baixo relevo confirmaria o unitarismo para a América Portuguesa, gerando um único núcleo geohistórico — o do Brasil. O fator geográfico justifica, pois, a superioridade territorial do Brasil no conjunto sul-americano, visto que a Argentina, que nos segue em área, atinge apenas a terça parte da superfície brasileira.

Separadas geopoliticamente nas costas do Atlântico e do Pacífico, a América Portuguesa, mais próxima da Europa e África, teve vantagem no posicionamento, sob o ponto de vista geoeconômico; dentro do enfoque geoestratégico, iria, no entanto, se caracterizar como o

centro de numerosos assaltos e repetidas tentativas de fixação por parte de elementos estrangeiros. Do outro lado, na área do Pacífico, embora contando com a desvantagem geoeconômica do isolamento, os espanhóis ficavam menos expostos ao invasor.

A conquista desordenada, em área fisiográfica desconhecida, daria ensejo à formação de uma vasta zona de disputa entre as terras hispano-americanas e as de seus vizinhos colonizadores, estendendo-se desde a América do Norte até a do Sul.



A América do Sul, foi justamente zona geopolítica neutra, que em da ao movimento bandeirantista igual começou a estabelecer uma li-de fortes, em pontos de tal modo

geoestratégicos que em 1943 viriam a ser respeitados quando da instalação dos territórios federais brasileiros.

Conquistada a América do Sul, e quase transformada numa "ilha ibérica",



com o transcorrer dos séculos, circunstâncias locais conseguiram imprimir características geopolíticas continentais, dentro de aspectos geopolíticos continentais dentro de aspectos fisiopolíticos em confronto.

À semelhança do que ocorre na América do Norte, a fisiografia da América do Sul é variada e sobretudo movimentada. No oeste, estende-se por mais de 7.000 km a cordilheira dos Andes, próxima da costa, caindo na direção do oceano Pacífico. No interior, esse relevo vai decrescendo, surgindo então os planaltos das Guianas, o Brasileiro e o da Patagônia, enquanto se intercalam as bacias fechadas do Orenoco, da Amazônia e a do Prata.

ANDES E ZONA GEOPOLÍTICA NEUTRA

Considerada a mais extensa cordilheira do mundo, compreendem os Andes, por suas características e paisagens, quatro regiões distintas. Acredita-se que o topônimo dessa vasta cordilheira da América do Sul derive de — *Antis* — tribo indígena que habitava o Peru, o núcleo de irradiação da conquista espanhola nessa região montanhosa.

Na primeira de suas quatro regiões, os Andes, envolvendo a Colômbia e a Venezuela Ocidental, se bifurcam em vários ramos que se estendem do nó de Pasto e findam circundando o golfo ou lago de Maracaibo, o maior da América do Sul com seus 13.000 km² (a metade do nosso Estado de Alagoas), em zona de grande potencial petrolífero. Divergem aí a Colômbia e a Venezuela numa zona de tensão fronteira, enquanto os dois países não chegarem a uma fórmula para a divisão do mar territorial

É sobretudo na Colômbia que os Andes se apresentam bem digitados for-

mando três cadeias distintas — a Costeira, a Ocidental ou Central e a Oriental. Alongando-se mais que as outras em direção ao nordeste, a cordilheira Oriental se bifurca de novo na serra de Perija e cordilheira de Mérida, que, em pinça, envolve o lago de Maracaibo.

Na digitação andina, precisamente na zona denominada "estrela fluvial colombiana", se encaixam em profundas gargantas as bacias do Atrato (670 km) e Madalena-Cauca; a primeira entre a Cordilheira Ocidental e Central, a segunda entre esta e a cordilheira Oriental.

O Madalena (1.700 km) com seu afluente Cauca (1.350 km) é, por seu caudal e extensão, o quarto rio mais importante da América do Sul. São rios de planície estreita, enquadrada pelos poderosos contrafortes dos maciços montanhosos.

A navegação primitiva pelo Madalena era feita até Honda, em cujas imediações uma queda d'água obrigava o viajante a uma parada forçada na rota entre Cartagena e Bogotá. Até ser circundada por uma ferrovia, Honda prosperou, como ponto de parada obrigatória, comerciando carnes defumadas, graças ao gado criado no vale do Cauca, com os centros consumidores das regiões mineiras platinas.

Na atualidade, o Madalena se constituiu na base do comércio colombiano de importação e exportação, como principal via de acesso do Atlântico para Bogotá, a capital do país que comanda, no interior, o núcleo geohistórico e o ecúmeno estatal.

Além dessa zona montanhosa, para o interior, estendem-se os llanos, terras baixas, banhadas pelos rios Apure, Meta e Guaviare, integrantes da bacia do Orenoco, que, através de passos andinos,



intercomunicam fisiopoliticamente a Colômbia e a Venezuela.

É, no entanto, a fisiografia llanera que irá distinguir geopoliticamente a Venezuela dos demais países andinos; isto, tendo em vista a importância que sempre exerceu na colonização a história nacional. Nessa zona plana transandina, ao contrário do que ocorreu na Colômbia, bem mais voltada para a zona fisiopolítica dos Andes, localizaram-se logo as maiores densidades populacionais e núcleos produtivos da era colonial venezuelana. Assim, neste espaço fisiopolítico, isoladas do centro mineiro andino, as populações llaneras passaram a viver mais em função das Antilhas, mantendo intenso contrabando com invasores estrangeiros. Daí a região haver sido transformada na Capitania Geral da Venezuela, separada do Vice Reinado de Nova Granada, para ficar sob maior controle

da Espanha no século XVIII. Conseqüentemente, ainda hoje, envolvido na produtiva zona petrolífera, o ecúmeno estatal venezuelano, comandado por Caracas e secundado por Cumaná, Barcelona e Maracaibo, se caracteriza por seu tráfico mais intenso voltado para o exterior e estreita dependência ao núcleo geohistórico do Caribe.

Num confronto, observamos que os contrastes fisiográficos do território colombiano caracterizam bem a dualidade fisiopolítica do país. A despeito da presença dos Andes, mais da metade do território colombiano é formado por planícies envolvendo o país nas bacias do Orenoco e Amazônica, no interior de uma zona geopolítica neutra, como ainda em terras planas que possui nos litorais do Caribe e do Pacífico. No entanto, contrasta com a Venezuela, já que o ecúmeno estatal colombiano, comandado por Bogotá, se situa na zona andina. Por outro lado, quer sob o ponto de vista geoeconômico, quer dentro do enfoque geopolítico, o porto de Buenaventura (no Pacífico) não exerce o papel preponderante de Cartagena e Barranquilla (no Caribe). Nesse confronto, a Colômbia está, como a Venezuela, bem mais voltada para o Caribe, contrastando com os demais países andinos, tão dependentes do Pacífico.

A despeito do duplo litoral colombiano Pacífico-Caribe, a Venezuela, mais envolvida pela planície do Orenoco, se encontra melhor posicionada no âmbito atlântico.

Entre os Andes e o planalto das Guianas, a planície do Orenoco é ocupada por uma bacia fluvial que, em menor escala, se constitui numa réplica da Amazônica. Embora a circulação interior seja mais fácil nos llanos do Orenoco com seus campos e pradarias, do que nas ter-

ras baixas amazônicas de selva fechada, a navegação fluvial é mais difícil na zona llanera. É que os tributários do Orenoco se apresentam com menor caudal que os amazônicos, e diminuem muito em profundidade quando chega a estação seca. Por sua vez, com 2.200 km de curso, o Orenoco é dificilmente navegável por navios oceânicos, quer pela pouca profundidade (3,5 metros no período das chuvas), quer pela obstrução parcial que sofre no local chamado "Boca del Inferno". A despeito das adaptações realizadas, a navegação é ainda, de um modo geral, dificultada pelas quedas escalonadas; a de Atures, por exemplo, a 996 km do mar, apresenta-se com um desnível de 9 a 10 metros, vindo logo em seguida a queda de Maiapures.

Ocupando uma área de 948.000 km², a bacia de Orenoco é fechada pelos Andes e planalto das Guianas, de onde fluem seus tributários. Do planalto das Guianas vem o rio Caroni que, atravessando a zona montanhosa do Estado de Bolívar, na Venezuela, forma a mais alta cascata do mundo — o Salto Angel, com águas que despencam de uma altura avaliada em 1.000 metros. Na mesma região venezuelana, ocasionando verdadeira sangria no Orenoco, o canal de Cassiquari (365 km) leva, num enlace fisiográfico natural, 20% de seu caudal para a bacia Amazônica; esta conexão, que varia dos 40 metros até 1 km de largura, foi descoberta em 1724 pelo jesuíta Manuel Roman.

O Orenoco (2.140 km) pode ser classificado como o rio das dimensões superlativas. Seu delta de 30.000 km² aumentou vinte vezes durante um século em função dos 300 milhões de metros cúbicos de sedimentos que o rio deposita a cada ano. Banha cerca de 70% do território venezuelano, excetuando-se

os llanos de Meta e Guaviare, já em território colombiano. Sob o aspecto fisiopolítico, coube ao Orenoco favorecer a conquista espanhola através dos llanos, levando os adelantados conquistadores, por outro lado, para o planalto das Guianas. É na já denominada Guiana Venezuelana, que ocupa 45% da superfície do país, que se encontra outra zona de tensão fronteiriça do continente; nela, a Venezuela reclama 1/3 do território da Guiana, tomado pelos ingleses.

No Orenoco, Ciudad Bolívar, a 400 km do mar, fundada em 1760, conheceu grande prosperidade em fins do século XVIII pelo contacto direto mantido com a Espanha através do comércio de carnes defumadas, fumo, algodão e açúcar. Dominou, geopoliticamente, toda a região, por seu posicionamento centrado na bacia do Orenoco, posicionamento, na época, bem mais favorável que o de Buenos Aires, também vivendo em função da pecuária. A vantagem para a Venezuela se ligava à existência de múltiplas "portas" — Barcelona, La Guaira, Puerto Cabello e Maracaibo, que se abriam para Ciudad Bolívar na direção do movimentado Caribe. Por isso, só no século XIX, quando se patenteou o sucesso da colonização dos Pampas, onde os pastos se apresentaram superiores, é que Ciudad Bolívar perderia sua hegemonia geopolítica no âmbito da América Espanhola; começou então a decair e se isolar nos llanos, enquanto o surto de progresso atingia Buenos Aires.

Geopoliticamente antagônico, o Orenoco se constitui, ao mesmo tempo, na artéria em cujos braços se unificou e se divide o território venezuelano. Isto, se levamos em conta que se encontra no seu norte a zona mais povoada e desenvolvida economicamente do país, num ecúmeno estatal comandado por Cara-

cas; caracterizando-se o seu sul como uma área geopolítica neutra, numa vasta zona por integrar, visto que, curiosamente, as nascentes deste rio só foram descobertas em 1951.

Na segunda região, que envolve o Equador e o Peru, os Andes, embora ainda bem digitados, já se caracterizam por uma comunicação muito mais facilitada em função dos vários nós — Pasto, Loja, Cerro Pasco e Vilcanota,

Esses nós ou nudos apresentam-se como espécie de planaltos circundados por altos picos; além de enfiar várias ramificações andinas, proporcionando o intercâmbio entre elas, se constituem em centros de dispersão de águas que fluem para a bacia Amazônica. Assim, a importância fisiopolítica desses nós com relação ao Atlântico, se concentra no posicionamento que ocupam no anfiteatro da Amazônia:

— o nó de Pasto (Colômbia) e o de Loja (Equador), vertem para os vales do Putumaio e Marañon respectivamente, aguardando as vias de acesso para o Atlântico, ainda por se desenvolverem;

— o nó de Cerro Pasco (Peru) se divide entre os vales do Purus e do Marañon;

— enquanto o nó de Vilcanota, também conhecido como nó de Cuzco, se prolonga em direção do Madeira.

Até 2 graus de latitude sul a região andina equatorial se assemelha à da Colômbia meridional; daí ter sido a fisiopolítica respeitada pelos espanhóis, envolvendo essas áreas no Vice Reinado de Nova Granada. Aí a paisagem andina foi denominada por Humboldt "avenida dos vulcões"; em seguida, a linha vulcânica desaparece praticamente para resurgir aos 14 graus de latitude sul com o vulcão peruano Misti, nas imediações de

Arequipa, continuando o vulcanismo em direção aos territórios boliviano, chileno e argentino.

Conclui-se, pois, que os Andes se constituem em zona de violentos terremotos, pontilhada por cerca de 60 vulcões, uns extintos e outros em plena atividade; a maioria desses vulcões apresenta-se com altitudes acima dos 5.000 metros, dentre os quais o Sajama, na Bolívia, é o mais alto de todos (6.780 metros).

Nessa segunda região andina as altitudes vão se elevando do Equador para o Peru; em território peruano, nos chamados Andes do Alto Marañon, o monte Huascarán atinge os 6.750 metros.

Mais para o norte, na fronteira Peru-Ecuador, quando os Andes tomam o nome local de cordilheira do Condor, encontra-se uma zona de tensão lindeira (Mapa 4). Durante a guerra 1941-42 o Peru ocupou uma área de 80 km² na zona contestada, conservando-a sob sua jurisdição graças ao Protocolo do Rio de Janeiro (1942) que pôs trégua ao conflito, assinado pela Argentina, Chile, Estados Unidos e Brasil. Não aceitando a perda dessa área, onde os Andes declinam para a planície Amazônica, o Equador anulou o Protocolo do Rio de Janeiro. Assim, novo conflito ocorreu entre os dois países em janeiro de 1981, o que mostra que se mantém em pendência a zona fronteiriça nessa região andina.

À semelhança do que ocorre na Venezuela, e sobretudo na Colômbia, as áreas interiorizadas que se seguem aos Andes vão baixando até se transformarem em planícies. Têm então o nome regional de Yungas, integrando a bacia Amazônica, banhada pelos rios Putumaio, Napo, Marañon, Huallaga, Ucaiali, Purus e Madre de Dios. Essas Yungas, cobertas por selvas equatoriais frondo-



sas, bem regadas pelas chuvas, se estendem desde a Colômbia até a Bolívia; neste último país em vez de Yunga já recebe a denominação de Floresta.

O domínio fisopolítico da Yunga-Floresta, desde a Colômbia até a Bolívia, na zona de fronteira com o Brasil, se caracteriza, grosso modo, como área geopolítica neutra, não tendo sido quase atingida pela colonização ibérica. Nessas condições, sob o ponto de vista geopolítico todo esse hinterland se caracteriza pela presença das fronteiras-faixa, ou seja despovoadas, indicando que os países se encontram de costas uns para os outros. Por outro lado, desde a Colômbia até a Bolívia, incluindo-se o Equador e o Peru, a maior densidade demográfica se concentra na zona andina, a despeito dos 350 metros de altitude de Lima, onde se interpenetram os núcleos geohistóricos e os ecúmenos estatais dos quatro países.

A depressão longitudinal que forma a fisiografia costeira equatoriana é melhor ocupada que a Yunga deste país. Sobretudo no delta do Guayas, planície aluvial baixa, estrangulada na altura de Guayaquil, porto fluvial que monopoliza o comércio equatoriano, concorrendo

geopoliticamente com Quito (2.480 metros de altitude).

A bacia de Guayas (35.000 km²), por sua preponderância no Pacífico, se constitui no centro vital do Equador; sobretudo em sua zona costeira de 28.000 km² correspondendo a 1/4 da costa equatoriana, superfície essa correspondente à metade da do nosso Estado da Paraíba.

As cidades de Quito e Guayaquil se complementam nas duas províncias básicas do país (Pichincha e Guayas), integradas por um corredor interior e estreito; Guayaquil é a costa, e Quito a serra. Para complementar o triângulo geopolítico, o porto de Esmeraldas, de melhor posicionamento com relação ao Panamá e, conseqüentemente, na via do Atlântico. Regionalmente, esse porto se beneficia do sistema fluvial do Esmeraldas, cuja bacia (21.060 km²) é a segunda mais extensa do país, ligada com a do Guayas ao núcleo vital de Pichincha.

Em função desses dois núcleos litorâneos, a costa equatoriana contrasta com a caracterizada pobreza da linha marítima desértica peruana. No conjunto, toda a vida litorânea do Peru se concentra em cerca de 40 oásis fluviais que atravessam o deserto costeiro. Os rios desta vertente têm o seu caudal bastante debilitado quando se aproximam da foz; a maioria não tem forças para se ajustarem ao seu nível de base, desaparecendo numa espécie de cone antes de atingir o mar. Dentre esses rios o exemplo mais frisante é o do Chicama, que corre pouco acima dos 8 graus de latitude sul.

Em meio a esses oásis destaca-se a zona petrolífera do Equador e Peru, estendendo-se desde Guayaquil até a ponta de Paita, onde as refinarias, na paisagem desértica, fazem lembrar os depósitos de salitrais chilenos.

Num confronto geopolítico entre Quito nos Andes, e Lima, capital pene-marítima, nota-se a linha divergente dos núcleos geohistóricos espanhóis — a primeira cidade, acantonada na cordilheira, a segunda atraída para o mar, sem nele se envolver diretamente. Por isso, à semelhança de Quito que tem em Guayaquil a sua "porta de saída", bem próximo de Lima, a 12 km, Calláo, exerce as mesmas funções, como ancoradouro protegido contra os ventos por uma ponta arenosa que avança na direção da ilha de S. Lourenço.

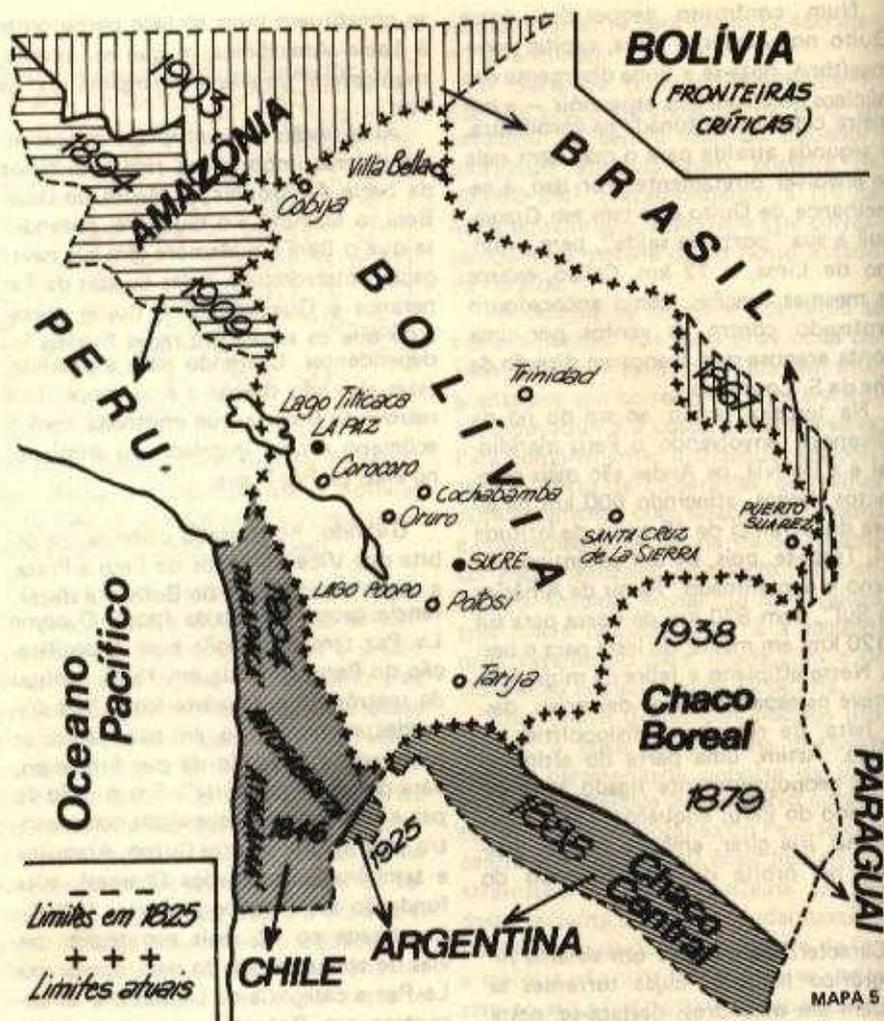
Na terceira região, ao sul do nó de Vilcanota, envolvendo o Peru meridional e a Bolívia, os Andes são mais compactos, largos, atingindo 600 km na altura do paralelo de 18 graus de latitude sul. Trata-se, pois, de um autêntico altiplano o denominado "Pamir da América do Sul", com 830 km de norte para sul e 120 km, em média, de leste para o oeste. Nesse altiplano a febre da mineração deteve os espanhóis, que deixaram, desta feita, de respeitar a fisiopolítica da região. Assim, uma parte do altiplano ficou geopoliticamente ligado ao Vice-Reinado do Peru, enquanto a parte meridional iria girar, embora sem se integrar, na órbita do Vice-Reinado do Prata.

Caracterizando-se por um sistema hidrográfico fechado, cujas torrentes se perdem em meandros, destaca-se, neste altiplano, o Titicaca, o lago mais alto do mundo (3.850 metros), considerado também como uma das massas d'água doce mais extensas da Terra (6.900 km²). O Titicaca verte suas águas para o salobro lago Poopo (2.800 km²); as margens baixas do Poopo contrastam com as bordas altas e íngremes do Titicaca, numa disposição tal que leva muitos geólogos à suposição de que ambos

se constituem num só lago pertencente à bacia Amazônica, e que se intercomunicavam através da garganta de La Paz.

Aliás, estão neste altiplano as nascentes de três importantes rios tributários da bacia Amazônica: o Madre de Dios-Beni, o Mamoré e o Guaporé; notando-se que o Beni e o Mamoré têm sua navegação interrompida pelas quedas de Esperança e Guajará-Mirim, duplo obstáculo que os separa em redes fluviais independentes. Correndo para a planície, esses rios vão drenar a área geopolítica neutra da Bolívia que contrasta com o ecúmeno estatal instalado no altiplano, no eixo La Paz-Sucre.

Girando, no passado colonial, na órbita dos Vice-Reinados do Peru e Prata, a dupla capitalidade da Bolívia é decorrência geopolítica dessa época. O nome La Paz tem correlação com a pacificação do Peru; fundada em 1530, ganhou da metrópole o seguinte lema: "Os discordes, na concórdia, em paz e amor se juntaram, e povoado de paz fundaram, para perpétua memória". Em função de paz e união se manteve ainda como centro intermediário entre Cuzco, Arequipa e também Sucre (antiga Charcas), cuja fundação lhe é pouco posterior (1538). Localizada no nó mais estratégico das vias de comunicação do país, conservou La Paz a categoria de capital por se encontrar em Departamento do mesmo nome, o mais próximo do oceano Pacífico. É que a Bolívia mantém com o Chile uma zona de tensão, por não se conformar em haver perdido, em 1883, sua saída marítima para o Pacífico. Fim da Guerra do Pacífico, pelo Tratado de Ancón, o Chile ficou com Tacha e Arica, pertencentes ao Peru, como ainda com Antofagasta, que era o litoral da Bolívia. Considerada como uma das



mais cruciais áreas de conflito do continente, a devolução desse território é, sem dúvida, a bandeira nacionalista dos políticos bolivianos acenada em tempos de crise.

Mais baixa que La Paz (3.600 metros de altitude), Sucre (2.850 metros de altitude) é o quarto nome que teve esse núcleo urbano boliviano conhecido assim como "a cidade dos quatro no-

mes". Os índios davam-lhe o nome de Charcas, região que se atolava por se encontrar no "divortium aquarum" dos sistemas fluviais Platino e Amazônico, já era conhecida também como Chuiquisaca quando os espanhóis, encontrando aí grande quantidade de prata, lhe deram o nome de La Plata. Antes de tomar o nome de Sucre, em homenagem a Antonio José de Sucre, o fundador da re-

públic
(desde
chama
do à s
si, dif
funçã
órbita
Nu
lam c
Bolív
Enqu
regad
(llam
Poop
çand
Yuur
genti
na m
Guac
geoe
N
ocor
bem
a pe
quar
já c
aiém
rios
des
dos
P
vari
ran
me
o P
reg
ter
dep
me
qu
da
xe
ta
gin

pública, foi, como Audiência de Charcas (desde 1559), a célula política do que se chamava de Alto Peru. Tendo prosperado à sombra das minas de prata do Potosí, diferindo de La Paz, que vivia em função do ouro de Lima, entrou para a órbita do Vice-Reinado do Prata.

Num confronto, La Paz e Sucre revelam o dualismo não só geopolítico da Bolívia, como também o fisiopolítico. Enquanto o norte do altiplano, melhor regado pelas chuvas, se dedica à pecuária (llamas, alpacas, carneiros), além do Poopo a paisagem já é mais árida, começando a surgir os salares, como o de Yuuni, que continuam pelo Chile e Argentina. É esta a paisagem estéril da zona mineira boliviana que se estende de Guaqui até Atocha, numa transversal geoeconômica.

Na planície interiorizada da Bolívia ocorre o mesmo fenômeno. O norte, bem mais regado pelas chuvas, oferece paisagem da Yunga ou Floresta, enquanto o sul, com maior carência d'água, já começa a participar do Chaco, que além da Bolívia se reparte pelos territórios do Paraguai e Argentina, com altitudes que vão num constante decrescer, dos 600 aos 200 metros.

Região quente e semi-árida, as chuvas variam dos 400 mm a 1 metro, evaporando-se ou se infiltrando nos solos permeáveis do Chaco. Assim, excetuando-se Pilcomaio e o Bermejo, que drenam a região, os demais cursos d'água são intermitentes, perdendo-se nos pântanos e depressões como o mar de Chiquita, alimentado pelo rio Dulce.

No Chaco os solos salgados são frequentes; nas zonas mais regadas abundam os palmeirais, enquanto a mata xerófila, nas regiões mais secas, apresenta espécies diferentes de quebracho, surgindo em seguida, no oeste, as savanas.

No conjunto, pois, além do dualismo geopolítico, a Bolívia também se caracteriza, dentro do aspecto fisiopolítico, numa área de transição — entre o Chile e o Peru de um lado, entre a Argentina, o Paraguai e o Brasil do outro. Por sua posição cêntrica e população, amplamente diluída, não suportou a Bolívia a gravitação de seus vizinhos; país sem fronteiras naturais, regrediu em pouco mais de metade de sua área ao perder ou ceder território para o Chile, Argentina, Peru, Paraguai e Brasil (Mapa 5).

Na quarta região, os Andes percorrem o Chile formando duas cadeias paralelas, facilmente cruzadas nos passos das secções central e setentrional. Passagens naturais nos colos das montanhas, vêm esses passos salvaguardando os remotos interesses do Chile pelo Atlântico através das transcontinentais; sobretudo o passo de Upsalata, aproveitado pela ferrovia Buenos Aires-Mendoza-Valparaíso. Isto porque o passo de Santa Rosa, que leva o sistema ferroviário boliviano até Arica, ainda se restringe ao Pacífico; situação que poderá mudar quando complementados os 300 km do trecho ferroviário Santa Cruz de la Sierra-Cochabamba.

No estreito território entre a cadeia andina e o Pacífico os cursos d'água são numerosos, porém escassos como rios permanentes, ocasionando na época das cheias terríveis inundações. É, no entanto, entre as cadeias paralelas de montanhas que se estende o deserto ou puña do Atacama, envolvendo-se no território meridional do Peru, parte da Argentina e Bolívia, onde já são vistos os páramos, cobertos por um tapete vegetal. Assim, enquanto a puña, desprovida de qualquer vegetação, se estende entre os paralelos de 23 graus e 27 graus de latitude sul, os páramos são encontrados

desde a Patagônia até o sul do altiplano Boliviano, numa altitude que varia dos 3.000 aos 5.000 metros.

Embora o Aconcágua (7.000 metros) se situe nesse setor meridional dos Andes, a partir dos 40 graus de latitude sul as montanhas, que se repartem entre a Argentina e o Chile, vão perdendo em altitude e se povoando de lagos glaciares, entre os quais se destacam o Buenos Aires, o Viedma e o Argentino. Na Terra do Fogo desaparece a zona montanhosa que mergulha no Atlântico formando os arquipélagos subantárticos. As terras baixas apresentam-se então com suave inclinação para o Atlântico formando uma rede intrincada de estreitos labirínticos e numerosas ilhas. Nesta área, onde termina o continente sul-americano, se encontra mais uma zona de tensão.

No terminal sul-americano, procurando fugir ao isolamento que lhe impõe a

fisiografia, o Chile tenta adquirir uma faixa de terra (ilhas Nueva, Lennox e Picton) e envolver-se no Atlântico através do canal de Beagle. Assim, enquanto a Argentina contesta ao Chile o direito de dominar uma faixa de 200 milhas no Atlântico... o Chile contesta os direitos da Argentina numa área da Antártica que se envolve no Pacífico.

Concluimos que a disposição quase que vertical dos Andes contribuiu, tanto no período pré-europeu como na própria época da conquista, para a implantação de uma ocupação humana no sentido norte-sul.

Sob o ponto de vista fisiopolítico, as melhores condições de habitabilidade da zona montanhosa determinariam o estabelecimento dos ecúmenos estatais nas regiões mais altas, moldando nos povos que aí se estabeleceram um caráter eminentemente continental salvo a exceção



chilena. É que Santiago, posicionada no vale longitudinal do rio Mapocho, busca o Pacífico que banha a ampla fachada do país, prolongada em cerca de 40 graus geográficos entre os paralelos de 18 graus e 56 graus de latitude sul. O Chile é, pois, uma franja oceânica com largura variando dos 100 aos 350 km, só alcançando sua maior extensão na Terra do Fogo, onde tem somente 460 km.

Por outro lado, mesmo considerando que os Andes se constituem numa massa orográfica integrada por linhas paralelas, vales longitudinais, altiplanos, nós e passos, integrando um conjunto definido, este, no sentido geopolítico não se transformou no suporte de um só povo. Assim, a despeito de se transformar em conquista unicamente do espanhol, não escapou ao cantonalismo geopolítico que ocasionou, no conjunto fisiográfico, o esfacelamento fisiopolítico.

O isolamento em que viveram os núcleos colonizadores espanhóis nos Andes não contou com o fluxo do Pacífico, que, contrariamente ao que ocorreu no lado atlântico, jamais conseguiu estabelecer um vínculo constante entre as diferentes áreas em suas ribeiras.

Ao conjunto fisiográfico Andes-Pacífico se juntou o complemento da desarticulação econômica; esta caracterizou a região andina desde o norte agrícola, intercalado pelo centro mineiro, e o isolado sul pecuarista.

PLANALTO DAS GUIANAS

Se do ponto de vista fisiopolítico o solo llanero facilitou a penetração espanhola, a irregularidade do relevo planaltino das Guianas dificultou-a, favorecendo, em contrapartida, as invasões holandesa, inglesa e francesa, que acabaram por formar "quistos" políticos nessa

cunha isolada da América do Sul, voltada para o Caribe.

O planalto das Guianas se estende desde a linha do alto Orenoco até o Atlântico perfazendo cerca de 1.600 km; sua largura máxima é de 1.000 km entre o curso médio do Orenoco e o rio Negro, este, afluente do Amazonas.

O litoral da região guianense é baixo e pantanoso, com faixas que variam dos 20 aos 80 km, atravessadas por vários cursos d'água dentre os quais se destacam o Essequibo, o Rupununi e o Correntine. Justifica-se assim o topônimo Guiana, que em dialeto indígena significa "costa selvagem" e "país das águas". A forte pluviosidade que alimenta os rios locais os leva a formar, na costa baixa, cordões litorâneos de pântanos ou "bayus". Tal aspecto fisiológico indica que, tendo apenas os rios Orenoco e Madalena como vias de penetração, os espanhóis não conseguiram deter a hegemonia sobre essa costa guianense carente de rios importantes que viessem a favorecer a penetração.

Do ponto de vista fisiográfico, a homogeneidade estrutural do planalto das Guianas é notória; como é também característico o seu isolamento geográfico em face do Atlântico e bacias Orenoco-Amazônica. Tal isolamento justifica a sobrevivência geopolítica das Guianas colonizadas pelos ingleses, holandeses e franceses.

O planalto das Guianas ou Escudo Guianense separa os llanos do Orenoco das planícies Amazônica, constituindo-se em dois blocos de relevo separados pela depressão dos rios Branco e Essequibo. Dentro do enfoque fisiopolítico, essa depressão, enquadrada por blocos falhados na área do Tacutu-Mahu, transformar-se-ia num centro de litígio fronteiro entre o Brasil e a Guiana Inglesa. A

partilha geopolítica dessa área não se constituiu num empate entre os pleiteantes e sim, sob o ângulo fisiopolítico, no encaixe de pequena brecha dos ingleses na bacia Amazônica.

No bloco ocidental do planalto das Guianas se encontram as áreas mais elevadas representadas pelas serras de Imeri-Tapirapecó, onde o pico da Neblina atinge os 3.014 metros, situando-se no complexo Parima-Pacaraima, o Roraima com 2.875 metros. Na parte oriental, no grupo Acari-Tumucumaque, o escudo cristalino já possui altitudes bem mais modestas, sobretudo na serra do Navio (350^o metros), onde se explora o minério de manganês.

PLANÍCIE AMAZÔNICA

Enquanto a área fisiográfica do Escudo Guianense busca o Atlântico, declinando em sua direção, o golfo Amazônico se constitui, no sentido inverso, numa porta natural de penetração para o hinterland da planície; planície que encerra a maior rede hidrográfica do mundo, abrangendo 7.000.000 km², se nela se inclui a bacia Tocantins-Araguaia.

Do ponto de vista fisiopolítico cerca de 70% da área desta bacia, encaixada na mais vasta planície sedimentar do Globo, se encontra em território brasileiro, envolvendo-se nos restantes 30% a Colômbia, o Equador, o Peru e a Bolívia.

O rio Amazonas, eixo diretor do complexo hidrográfico, é o mais extenso do continente (6.560 km), mesmo se num confronto com a bacia norte-americana somarmos os cursos do Mississipi-Missouri (6.260 km). Recebendo mais de 500 afluentes, o rio Amazonas é navegável nos 3.200 km em que percorre

o território brasileiro; no conjunto, a rede fluvial navegável é avaliada em cerca de 50.000 km e, contado o tempo em que nela viajássemos, dar-se-ia a volta ao mundo.

Tanto na parte meridional como na setentrional da bacia se encontram as faixas de terreno mais altas da Amazônia, formadas respectivamente pelos degraus dos planaltos Brasileiro e das Guianas. Estão nestas faixas as extensas savanas de superfícies cobertas por pastos. Em seguida, toda a bacia Amazônica é baixa, e se transformaria num lago se o Atlântico se elevasse somente em 100 metros.

No conjunto a planície sedimentar apresenta-se com altitudes que não ultrapassam os 200 metros, notando-se que em Tabatinga, a mais de 3.000 km do litoral, quando o rio Amazonas entra em território brasileiro, a elevação é de apenas 65 metros acima do nível do mar. Nos terminais de navegabilidade a planície Amazônica vai cedendo lugar aos contrafortes dos Andes, do planalto Brasileiro ou do planalto das Guianas. Nessa transição fisiográfica as dificuldades impostas à colonização criaram uma área geopolítica neutra; a fisiopolítica se constitui na paisagem de países amazônicos virados de costas uns para os outros. Aí a indefinição de terrenos que ocorre desde os llanos, passa pelas yungas, atinge o chaco e se mistura ao pantanal Matogrossense gerou zonas fisiopolíticas de fronteiras críticas quando os limites entre os países tiveram que ser demarcados.

Em 1967 o Hudson Institute, dos Estados Unidos, sugeriu a construção de um sistema lacustre na Amazônia, similar ao dos Grandes Lagos da América do Norte. O Amazonas seria bloqueado para formar um grande mar interior,

equivalente às duas Alemanhas unidas; partiria daí uma série de canais para ligarem as bacias do Orenoco e do Prata, formando-se então a maior hidrovia mundial interna. Considerando-se o fluxo do Amazonas mais o da barragem, criar-se-ia na área um potencial igual a 28% da capacidade total dos Estados Unidos. Por fatores geopolíticos e razões estratégicas este plano suscitou controvérsias, levando o Brasil, em 1980, a conseguir firmar com os demais países amazônicos o Pacto Amazônico para afastar a área das ingerências internacionais.

ENLACE: PLANALTO BRASILEIRO—PLANÍCIE PLATINA

O planalto Brasileiro forma, grosso modo, uma espécie de triângulo com base voltada para o norte, vértice apontando para o sul e declinando nas duas áreas bem como para o interior do continente; contrastando, neste último sentido, com o planalto das Guianas que busca o Atlântico. Assim sendo, uma das características geopolíticas mais em evidência neste planalto é a de se encontrar afastado das zonas litorâneas atlânticas, as mais povoadas do Brasil, que integram o nosso ecúmeno estatal. Constituindo-se ainda, no contexto geral, numa área geopolítica neutra, sua importância futura parece depender, em grande parte, de Brasília, a única capital de país instalada fora do ecúmeno estatal.

No plano fisiopolítico sua importância se prende ao fato de ser esse planalto o centro dispersor e divisor de águas de três importantes bacias hidrográficas — a do S. Francisco, genuinamente brasileira, enquanto as duas outras — a do Prata e a Amazônica se dividem entre várias nações. Deste modo, do ponto de vista continental, podemos afirmar que,

geopoliticamente, o planalto Brasileiro foi o núcleo interiorizado da unidade brasileira (S. Francisco) e de alargamento territorial dos bandeirantes portugueses — pelo Prata, no sentido direcional sul e pelo Amazonas dentro da diretriz leste-oeste.

Em seu declive para o interior, o planalto Brasileiro cede lugar ao Pantanal Matogrossense complementado pela região do Chaco, extensa área baixa, numa distância de 1.170 km de norte para sul, desde a divisória do Mamoré até as paisagens pampeanas. Paisagem logo notada, já que o vazio demográfico do Chaco e Pantanal contrasta com a ocupação pastoril do Pampas.

Acha-se o Pantanal envolvido pela bacia Platina desde os 12 graus aos 22 graus de latitude sul; trata-se, no aspecto geral, de uma planície inundável, onde a economia, o relevo e a vegetação estão diretamente relacionados com o caráter preponderante que os rios imprimem aos demais fatores fisiográficos. É, pois, no planalto Brasileiro, onde pequenas ondulações recebem o nome de serras, como também o seu próprio rebordo — Mantiqueira, Mar e Geral, que nasce o rio S. Francisco, correndo de sul para o norte, e que, no passado, foi o eixo geopolítico da unidade nacional. Nasceram ainda nesse planalto os três cursos d'água que no seu segmento para o oeste formam a bacia do Prata — o Paraguai, o Paraná e o Uruguai; Planalto, hoje em território brasileiro, mas por muito tempo isolados no espaço fisiográfico do continente, em pontos distantes de nosso núcleo geohistórico, que se povoava esparsamente na faixa litorânea do Atlântico entre S. Vicente e Pernambuco.

No momento em que o colono conseguiu chegar à ampliação do planalto

Brasileiro (século XVII), o rio S. Francisco se transformava numa via de circulação ininterrupta. "O rio S. Francisco, correndo do sul para o norte, através de todo o planalto, representa, assim, o único ponto de união entre as povoações dos extremos do sertão... O rio só deixa de ser navegável quando começa a transpor o muro da serra, em busca do litoral. Aí inflete para leste e corre na mesma direção dos outros: perde o interesse pelo sertão. Mesmo assim, a muralha de Paulo Afonso, represando as águas em mais de 250 metros de altitude, representa um papel nacional insubstituível. É ela que nos garante a navegabilidade do rio, impedindo a velocidade da correnteza e pondo à disposição do sertão imenso uma imensa estrada, que une, os dois pontos extremos do interior. É o seu primeiro serviço efetivo prestado ao país, facultando-lhe a passagem ao largo da floresta e da montanha". (Orlando M. Carvalho — "O Rio da Unidade Nacional" — pág. 12 e seguintes.)

Geopoliticamente, o espaço foi para a bacia do S. Francisco a única força distribuidora das atividades humanas, desde o passado colonial. A invasão do gado nesse planalto, que até então se caracterizara pelo isolamento fisiográfico, vai se personalizar no fator do grande percurso; daí as feiras de gado gordo e de gado magro, as zonas de criação e as de invernada. A despeito do grande percurso, das paragens de repouso, o gado tinha caminho com abastecimento garantido. E assim, o S. Francisco pôde transformar-se no foco de dispersão que misturou populações do sul mineiro e norte açucareiro, induzindo-as também em direção do Araguaia quando se iniciou a miragem dos diamantes.

Curiosamente, no entanto, a bacia do S. Francisco, dentro do ponto de vista fisiográfico, se constitui numa região que carece de unidade geográfica. Contrastando com o traço de união representado pela diretriz de seu curso na direção sul-norte, essa mesma direção imprime no solo a diferença, diminuindo em altitude à medida que também baixa a latitude; isso torna variada a paisagem climática e vegetal. Com paisagem caracterizada como um prolongamento da zona semi-árida do Nordeste, pelo menos até o norte de Minas Gerais, já no sertão baiano se apresenta a caatinga com capões e carrascos isolados; fisiograficamente, em seu próprio estuário, o S. Francisco parece interromper a costa nordestina caracterizadamente retilínea, arenosa e povoada de recifes.

Nascendo como o S. Francisco, também em torno dos maciços que formam a Mantiqueira, o rio Paraná se orienta para o sul buscando seu eixo — o Paraguai. Seu significado geopolítico também remonta ao Brasil-Colonial, pois foi através dele que a marcha para o oeste levou os portugueses aos campos do sul. Não encontrando o ouro nas buscas iniciais, os bandeirantes desbravaram o setor meridional do planalto Brasileiro englobando ao nosso território as nascentes do rio Uruguai. Deslocando, pois, a linha de Tordezilhas, que não envolvia a paisagem fisiográfica do planalto Brasileiro, os portugueses se instalaram nas nascentes dos três rios formadores da bacia do Prata, avanço que o princípio do "uti possidetis", estabelecido pelo Tratado de Madrid (1750), veio consagrar.

Não detiveram, porém, os portugueses, na foz do Prata, a estratégica Colônia do Sacramento; não puderam, assim, competir com vantagem, diante dos es-

óis, na conquista da planície pampeana.

uma extensão de 647.500 km², em forma de leque aberto para o interior, a distância radial de 500 a 640 km a partir de Buenos Aires, a região Pampeana ou Pampas se estende da foz do Rio da Prata até as proximidades da cidade de Montevideo e de Santa Fé de San Luis. Os Pampas atingem o território uruguaio e brasileiro, sendo neste último o nome de zona pampeana do Rio Grande do Sul. É a zona dos "campos limpos" de matas pastagens, que na parte meridional do planalto Brasileiro já se transformam numa floresta temperada, de fácil penetração, contrastando com a selva equatorial amazônica, bem mais variada em espécies, mas de difícil penetrabilidade.

Em um confronto, vamos observar que a planície Pampeana difere daquela que se segue para o interior — o Chaco ou o Planalto Matogrossense, onde já se encontram os "campos cerrados". Aí já alternam a gramínea com os tufos florestais, em geral matas ciliares; são as matas llaneras da bacia do Orinoco que se repetem no hinterland da bacia amazônica.

A partir do Brasil, Uruguai e províncias argentinas (Corrientes, Entre Ríos e Entre Rios), já o plano unificado do solo, com vegetação herbácea, se apresenta com a ondulação das montanhas. Ao sul, os Pampas, que se constituem na zona pecuarista mais produtiva do continente, são interrompidos nos primeiros degraus do planalto da Patagônia, que enlaça o litoral do alto rio da Prata ao baixo Atlântico; enquanto o planalto se ocupa entre os Andes e esse planalto da Patagônia se vê ocupado pela depressão andina ou fossa da pré-cordilheira, estendendo-se desde o lago Nahuel-Huapi,

a 41 graus de latitude sul, até o estreito de Magalhães.

PLANALTO DA PATAGÔNIA

Patagônia deriva da palavra espanhola "patagones", que significa — pés grandes. Tendo em vista as enormes pegadas que os sapatos dos nativos locais deixavam na areia ou campos de neve, supõe-se durante algum tempo que a região da Patagônia era ocupada por gigantes; homens realmente muito altos aos quais Pigafetta, da expedição de Fernão de Magalhães, se refere.

E a palavra se transformou no topônimo do planalto mais meridional da América do Sul, cujas altitudes vão baixando à medida que nos afastamos dos Andes em direção ao Atlântico. Repete, pois, num confronto, o aspecto fisiográfico do planalto das Guianas, guardadas as devidas proporções e posicionamento. Por outro lado, como região alta, desértica e fria, a Patagônia compara-se à Amazônia, baixa, úmida e quente, pois se constitui também num grande vazio demográfico, com seus habitantes abrigados nos oásis fluviais, sem perfazer a cifra de 1 hab./km². É este o terminal da chamada diagonal semi-árida, que na massa continental sul-americana começa no "litoral seco do Nordeste, atravessa o Centro-Oeste, penetra no Chaco, contorna os Pampas úmidos da Argentina e atinge a Patagônia". ("Panorama Regional do Brasil" — IBGE — pág. 102.) Confrontantes na depressão do Chaco interior e ângulo exterior do Nordeste brasileiro, as zonas de chuvas mal distribuídas fazem surgir, na primeira área, o quebraço, explotável para dormentes e produção de tanino, e, na segunda, a caatinga ou vegetação espinhenta.

panhóis, na conquista da planície pampeana.

Numa extensão de 647.500 km², em forma de leque aberto para o interior, numa distância radial de 500 a 640 km a partir de Buenos Aires, a região Pampeana ou Pampas se estende da foz do Prata até as proximidades da cidade argentina de San Luis. Os Pampas atingem território uruguaio e brasileiro, recebendo neste último o nome de zona da Campanha do Rio Grande do Sul. É nesta a zona dos "campos limpos" de melhores pastagens, que na parte meridional do planalto Brasileiro já se transformam numa floresta temperada, de fácil exploração, contrastando com a selva equatorial amazônica, bem mais variada em espécies, mas de difícil penetrabilidade.

Num confronto, vamos observar que a planície Pampeana difere daquela que se segue para o interior — o Chaco ou Pantanal Matogrossense, onde já se encontram os "campos cerrados". Aí já se alternam a gramínea com os tufo florestais, em geral matas ciliares; são as pradarias llaneras da bacia do Orinoco que se repetem no hinterland da bacia do Prata.

A partir do Brasil, Uruguai e províncias arribenhas argentinas (Corrientes, Misiones e Entre Rios), já o plano uniforme do solo, com vegetação herbácea, se apresenta com a ondulação das Coxilhas. Ao sul, os Pampas, que se constituem na zona pecuarista mais produtiva do continente, são interrompidos pelos primeiros degraus do planalto da Patagônia, que enlaça o litoral do alto Pacífico ao baixo Atlântico; enquanto o espaço entre os Andes e esse planalto da Patagônia se vê ocupado pela depressão subandina ou fossa da pré-cordilheira, estendendo-se desde o lago Nahuel-Hua-

pi, a 41 graus de latitude sul, até o estreito de Magalhães.

PLANALTO DA PATAGÔNIA

Patagônia deriva da palavra espanhola "patagones", que significa — pés grandes. Tendo em vista as enormes pegadas que os sapatos dos nativos locais deixavam na areia ou campos de neve, supõe-se durante algum tempo que a região da Patagônia era ocupada por gigantes; homens realmente muito altos aos quais Pigafetta, da expedição de Fernão de Magalhães, se refere.

E a palavra se transformou no topônimo do planalto mais meridional da América do Sul, cujas altitudes vão baixando à medida que nos afastamos dos Andes em direção ao Atlântico. Repete, pois, num confronto, o aspecto fisiográfico do planalto das Guianas, guardadas as devidas proporções e posicionamento. Por outro lado, como região alta, desértica e fria, a Patagônia compara-se à Amazônia, baixa, úmida e quente, pois se constitui também num grande vazio demográfico, com seus habitantes abrigados nos oásis fluviais, sem perfazer a cifra de 1 hab./km². É este o terminal da chamada diagonal semi-árida, que na massa continental sul-americana começa no "litoral seco do Nordeste, atravessa o Centro-Oeste, penetra no Chaco, contorna os Pampas úmidos da Argentina e atinge a Patagônia". ("Panorama Regional do Brasil" — IBGE — pág. 102.) Confrontantes na depressão do Chaco interior e ângulo exterior do Nordeste brasileiro, as zonas de chuvas mal distribuídas fazem surgir, na primeira área, o quebracho, explotável para dormentes e produção de tanino, e, na segunda, a caatinga ou vegetação espinhenta.

Na Patagônia a escassez das chuvas, e, sobretudo, a topografia regular dão amplo campo de ação a fortes ventos, enquanto a rala cobertura vegetal se torna impotente para proteger os habitantes da região contra eles. Procedentes dos Andes, esses ventos secos, absorvendo em grande parte a água na região planáltina, expõe seus lagos à dessecação periódica, formando depósitos salinos. Os rios dessa região semi-árida são, como alguns do Nordeste brasileiro, temporários, desaparecendo em certas épocas do ano. Enquanto os salados ou salitrais correspondem a áreas onde a pluviosidade apresenta cifra abaixo de 200 mm, nos locais mais regados surgem os "mallines", isto é, depressões ocupadas por vários rios permanentes, entre os quais se destacam o Negro, o Chubut, o Desado, o Chico e o Gallegos; mesmo assim, o caudal desses rios patagônicos diminui bastante à medida que os mesmos se aproximam do Atlântico. É na região dos "mallines" do Negro e do Chubut que os prados dão ensejo à criação de gado ovino.

A partir dos 50 graus de latitude sul, tanto os Andes quanto o planalto da Patagônia vão tomando o aspecto de mesetas pantanosas que desaparecem na Terra do Fogo, já bastante plana. A partir daí, os estreitos de Magalhães e Drake estreitam as relações entre essa área geopolítica neutra do continente com a Antártica Americana.

CONFRONTO CONTINENTAL

Levando-se em conta que as massas continentais se distribuem no hemisfério norte, formando um grupamento em semi-círculo centrado no pólo Norte, concluímos que:

— A América do Sul se envolve, grosso modo, no hemisfério sul da Terra on-

de as águas cobrem a maior parte da superfície. Encontra-se pois, a América do Sul no hemisfério marítimo, no qual a Antártica se constitui na extensão de terra mais considerável da metade inferior do Planalto. Já as Américas do Norte e Central se localizam no hemisfério terrestre do Globo.

— Sob o ponto de vista fisiográfico, são constantes as analogias e os contrastes entre as Américas. Tanto no norte como no sul, na zona do Pacífico, bem próximas do litoral e quase que paralelas a ele, se estendem altas cordilheiras, de formação recente, como os Alpes da Europa, e seguem a linha de uma antiga geosinclinal, constituindo-se no flanco de uma seção de menor resistência; daí se encontrar integrada na linha de fogo do Pacífico, com numerosos vulcões, uns ativos e outros extintos, estando entre os primeiros o Cotopaxi (5.897 metros), no Equador, o mais alto do mundo. Dentro do enfoque fisiopolítico, essas montanhas, bastante altas e de origem recente, formam, do lado do Pacífico, uma espécie de barreira, levando o continente a se voltar, em suas funções geopolíticas, mais para o leste, na direção, pois, do Atlântico.

— Na América do Norte a região de planície vai, num segmento norte-sul, desde o Ártico até o golfo do México; no entanto pelas diretrizes dos rios, formam duas áreas atraídas tanto sob o ponto de vista geopolítico quanto geoeconômico, em sentidos opostos. A disposição dos Apalaches e Laurêntidas, próximos da costa, só propiciaram ao S. Lourenço a saída e a entrada para o Atlântico, no sentido horizontal. Encontra-se, pois, numa linha intermediária entre as bacias do Mackenzie e do Mississipi, que fluem, respectivamente, para o norte e para o sul.

Já na América do Sul a região de planície forma uma espécie de semi-círculo com as duas pontas centradas nos estuários do Prata e Amazonas. Os Andes na retaguarda, o planalto da Guiana ao norte e o da Patagônia ao sul, emolduram esse semi-círculo, enquanto o planalto brasileiro se impõe como plataforma giratória entre as duas portas. Deste modo, pela disposição fisiográfica, tanto a bacia do Orenoco, e sobretudo a Platina, e a Amazônica, se constituem em área de atração geopolítica e geoeconômica na esfera exclusiva do Atlântico.

— Muito embora a América do Sul se projete mais em si para o Atlântico que a América do Norte, observa-se que, pelo posicionamento, a depressão encurralada do Yukon está para a bacia do Orenoco, assim como a leste-oeste do S. Lourenço está para a Amazônica e a norte-sul do Mississipi para a do Prata.

— A Grande Bacia dos Estados Unidos corresponde ao altiplano Boliviano; são regiões montanhosas na zona de influência do Pacífico, que atingem, sob o ponto de vista fisiográfico, larguras máximas. Contrastam porém o sul e o norte: enquanto o altiplano Boliviano se mantém hidrograficamente dependente do Atlântico, nos Estados Unidos o Columbia e o Colorado vertem para o Pacífico; muito embora nenhum desses dois rios tenha desempenhado o papel de vias de comunicação e penetração que caracterizou o S. Lourenço e o Mississipi, na vertente atlântica. Conclui-se assim que a despeito de certa atração exercida por parte do Pacífico no norte, nas três Américas a vertente oriental, banhada pelo Atlântico, se apresenta bem mais atuante sob o ponto de vista geopolítico.

— No conjunto, é a América do Sul que oferece o exemplo típico do desvio

continental para o leste; o meridiano de Lima, cidade localizada na esfera do Pacífico-Sul, passa por Washington, já na esfera do Atlântico-Norte. Enquanto Recife dista somente 18 graus de longitude de Dakar e 10 graus de Cabo Verde, a terra mais ocidental da África.

Por sua vez, o continente norte-americano se orienta mais para o quadrante oeste, ligando-se através de uma guirlanda de ilhas ao continente asiático; a ponta mais saliente do Alaska ultrapassa, em longitude oeste, o meridiano de Havaí, para corresponder mais ou menos ao da Nova Zelândia, na Oceania.

— Enquanto o continente americano se alarga em direção ao Ártico, se afunila ao se aproximar da Antártica. Nota-se então um dos contrastes fisiográficos fundamentais, se compararmos Buenos Aires na porta de entrada da planície Pampeana, com Chicago; na mesma posição com relação às pradarias; a cidade estadunidense seria uma réplica da capital argentina se imaginássemos o Atlântico penetrando através dos Grandes Lagos.

Contrastam, pois, a América do Norte com sua maior largura se envolvendo na zona polar, com a América do Sul, com sua maior extensão ao longo do equador. Contrastam ainda as duas Américas, sendo a meridional bem mais maciça, enquanto a setentrional, mais articulada, se vê penetrada por golfos gigantes como o do México e a baía de Hudson que inexistem ao sul do equador.

— Considerando-se o meridiano de zero grau de Greenwich, todas as terras da massa continental americana se encontram no hemisfério oeste ou ocidental, entre os 36 graus do Cabo Branco no Nordeste brasileiro, e os 160 graus do Cabo Príncipe de Gales no Alaska. Nesse posicionamento nota-se que a

ca do Sul está bem mais isolada oceano Pacífico, pois se encontra de distância da Austrália, que com defronta numa linha leste-oeste, na o chamado crescente externo insu- te, por sua vez, centraliza o Brasil possível Bloco ou Aliança que ve- envolver o Pacífico e Atlântico- Considerando-se o leque de proje- e nossa costa alcançando o Caribe, as portuguesas e espanholas do tico ao sul de Gibraltar; toda a ver- atlântica da África; a Antártica e os tradicionais vizinhos continen- o sul, chegamos à conclusão que o tico nos assegura uma articulação com cerca de 50 países, a terça dos membros da ONU. E uma arti- ção indireta com o resto do Planeta. e uma visão renovada do panorama

geopolítico que gravita em torno do Atlântico-Sul, onde a presença de 20 novos Estados cada dia se afirma mais no cenário". (Carlos de Meira Mattos — "A Geopolítica e as Projeções do Poder" — pág. 188.)

— Indo praticamente de pólo a pólo, a imensa barreira formada pelo continente americano separa os maiores sistemas oceânicos do mundo — o Atlântico e o Pacífico — envolvidos numa sugestiva faixa de segurança pelo TIAR. Nota-se, no entanto, que, bem mais voltado para a zona de fricção, o mundo atlântico de hoje não corresponde mais ao que foi organizado militarmente pela OTAN. As mutações foram tão profundas que urge constituir as bases para uma nova geopolítica.



Therezinha de Castro — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Conferencista. Entre suas obras publicadas destaca-se o livro "Rumo à Antártica" (Livraria Freitas Bastos, 1976, Rio de Janeiro), no qual advoga o direito do Brasil a uma nesga do continente antártico.

A m
cleare
deser
Em
Em meno
ando a se alir
É uma re
ergia, capaz
Da fábrica
que vem os m
is de Angra d
Com esse
portação de e
ovo estágio d